Idolatria e culto entre os fãs de Raul Seixas

A gente ainda nem começou: idolatria e culto entre os fãs de Raul Seixas

Idolatria e culto entre os fãs de Raul Seixas

Rosana Câmara Teixeira

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1219>

DOI: 10.4000/pontourbe.1219

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Rosana Câmara Teixeira, «A gente ainda nem começou: idolatria e culto entre os fãs de Raul Seixas», *Ponto Urbe* [Online], 1 | 2007, posto online no dia 30 julho 2007, consultado o 29 julho 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1219> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1219>

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 julho 2022.

Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Idolatria e culto entre os fãs de Raul Seixas

A gente ainda nem começou: idolatria e culto entre os fãs de Raul Seixas

Idolatria e culto entre os fãs de Raul Seixas

Rosana Câmara Teixeira

Todo jornal que eu leio
Me diz que a gente já era
Que já não é mais primavera
Ô baby, a gente ainda nem começou
Cachorro urubu (Raul Seixas/Paulo Coelho, 1973)

- 1 Neste texto discuto¹ algumas dimensões simbólicas da idolatria a partir das formas de auto-representação dos fãs de Raul Seixas, dos significados atribuídos ao artista e a sua obra e das redes de sociabilidade que instituem.
- 2 Morto em 1989, aos 44 anos de idade, a despeito da ausência física, a admiração e o interesse por sua obra musical e por sua persona intensificaram-se. Que qualidades o tornam objeto de fascínio? De que maneiras o artista vem se eternizando no imaginário de seus fãs? Desde sua morte, multiplicam-se narrativas, transformadas em quadrinhos, livros, poesias, cordéis, vídeos, ensaios, e em sua homenagem organizam-se tributos, shows, passeatas. Todas essas atividades vêm sendo, ainda, redimensionadas pelo advento da Internet (rede mundial que interliga milhões de computadores e de usuários) que possibilita um intercâmbio sem precedentes entre fãs em todo o território nacional e até mesmo fora deste. Outras modalidades de divulgação entram em cena, como as páginas, dentre as quais podemos destacar entre outros, a do fã-clubê oficial, a do site oficial, a lista virtual, além das várias comunidades criadas no Orkut, que conecta pessoas através de “uma rede de amigos confiáveis”.
- 3 Artista idolatrado e seguido por muitos, inspira uma série de manifestações e formas de identificação e sociabilidade. Deve-se ter em mente que o culto a alguém sugere o caráter especial, diferencial, assumido por esse indivíduo, num certo contexto. Raul

Seixas, segundo seus fãs, mais que um cantor/compositor, é também poeta, filósofo, profeta. Um ídolo singular, autêntico, original.

- 4 Na perspectiva de Walter Benjamim (1987a), a autenticidade de uma coisa refere-se a tudo o que ela contém e é originalmente transmissível, desde sua duração material até seu poder de testemunho histórico. A aura de um objeto ou ser humano está, portanto, associada à sua originalidade, ao seu caráter único e a uma relação genuína com o passado. Mas o que leva um indivíduo a admirar outro, que se torna, deste modo, alvo de certas percepções e atitudes? Que qualidades atribuídas ao ídolo justificam o devotamento? Que estratégias conscientes e inconscientes favorecem a fabricação de seres mitológicos? Que experiência é essa: ao mesmo tempo em que parece ancorar-se única e exclusivamente na vontade deliberada dos indivíduos, obedecendo tão somente aos seus impulsos e caprichos, expressa, por outro lado, uma vivência coletivamente partilhada, valorizada e legitimada entre nós? Segundo o dicionário (CUNHA, 1989), fã, forma reduzida da palavra inglesa fanatic, designa o admirador exaltado de esportes, espetáculos e, particularmente, de grandes astros e estrelas. Trata-se de um adepto, partidário ou torcedor. O ídolo, por sua vez, é a pessoa a quem se tributa respeito ou afeto excessivo. Alguém objeto de admiração, estima, amor platônico. Afeto capaz de promover comportamentos, ações e discursos. Para Coelho (1999) fã/ídolo constituem duas formas de vivenciar a mesma experiência e a “compreensão articulada desses dois pontos de vista abre uma porta para a reflexão sobre a condição do indivíduo no mundo moderno” (p.19).
- 5 Do ponto de vista das emoções, vale lembrar as contribuições de Mauss (1979), quando afirma que os sentimentos são categorias sociais que variam de acordo com a grade classificatória de cada cultura, por isso são expressões coletivas que o indivíduo aprende a experimentar, do contrário, seriam sempre iguais em sua manifestação. Assim considerando, o modo de expressar esse sentimento é, também, a forma de experimentá-lo.
- 6 Partindo do pressuposto de que não é preciso ser um fã para conhecer um, parece fundamental como sugere Geertz (1998), primeiro, captar os conceitos utilizados para definir o que vêem, pensam, sentem e imaginam (“experiência próxima”) para depois conectá-los de forma eficaz e esclarecedora com aqueles que os cientistas utilizam para tratar dos elementos mais gerais da vida social (“experiência distante”). Todavia, assumindo, desde já, que o antropólogo não é capaz de perceber aquilo que seus informantes percebem, seu esforço deve ser no sentido de detectar “com que”, “por meios de que” ou “através de que” percebem. Compreender o ponto de vista nativo implica, portanto, pesquisar, analisar palavras, instituições, comportamentos, símbolos em cujos termos as pessoas se representam a si mesmas para os outros.
- 7 No caso em estudo, pergunta-se como os admiradores de Raul Seixas se definem? Analisando a fala dos diferentes atores sociais, notar-se-á que mesmo entre aqueles que compartilham da idéia de que, através de suas músicas, Raul deixou uma mensagem, ela não é consensualmente apreendida, há dissensos e apropriações diferenciadas. Assim, a disputa classificatória e, portanto, simbólica, em torno de seu nome e da sua obra, revela-se um fator privilegiado para a compreensão de sua popularidade já que os sentidos que lhe são conferidos permanecem objeto de debates e releituras, assim como sua imagem pública, alvo de ressignificações constantes. Do mesmo modo que em vida, obsessivamente procurou distinguir-se, assumindo inclusive

várias personas (guru, profeta, inconformado, roqueiro rebelde) após a morte, como foi frisado “ele teima em perturbar”.

- 8 Neste artigo, procuro demonstrar de que maneira a admiração estimula a construção de subjetividades e visões estruturadoras das percepções dos sujeitos e a inserção em redes de sociabilidade, analisando especialmente duas situações de encontro entre estes indivíduos, uma virtual, na “komuna raulseixística” e a outra, “real”, na passeata que ocorre anualmente na cidade de São Paulo para celebrar a memória de Raul Seixas.

No mundo virtual: “a komuna raulseixística”

- 9 O grupo virtual “komunidade raulseixística”² foi criado a 16 de dezembro de 2001 por Sylvio Passos fundador e presidente do Raul Rock Club/RRC (1981). Para acompanhar as discussões não é preciso se cadastrar, nem ser sócio do RRC; muitos inclusive não o são. O ambiente virtual é público, contudo, para responder às mensagens em pauta ou lançar novas discussões é necessário pertencer ao grupo, o que é feito por meio de um cadastro que consiste na escolha de um nome/login e do endereço eletrônico diretamente na página.
- 10 Sylvio, gerente da lista, é uma mistura de mestre de cerimônias, fã número um - por ter conhecido e convivido com Raul -, e representa a autoridade, funcionando como uma espécie de mediador, árbitro no caso de certas contendas ou quando uma conduta é considerada inadequada. Apesar do grande número de pessoas inscritas na lista e da presença constante de algumas delas, nem todas participam efetivamente dos debates. Este espaço revelou-se privilegiado para observar o relacionamento entre pessoas com trajetórias distintas congregadas por um interesse comum, partilhando uma mesma identificação. Enquanto estão on-line, ou seja, conectados à rede, compartilham de uma definição comum da realidade, através de uma rede de significados (GEERTZ apud VELHO, 1994). Durante um certo período de tempo, cruzam-se ali diversas trilhas sociológicas e culturais, aglutinam-se pessoas em torno de uma adesão, todavia observam-se atitudes muito diferenciadas assim como, opiniões discordantes. As polêmicas e discussões acaloradas suscitaram muitas vezes, desentendimentos, acusações e agressões exigindo intervenções do Sylvio e levando certos participantes a se desligarem temporária ou definitivamente do grupo.
- 11 Trata-se de um campo marcado pela negociação cujo instrumento básico de interação é a linguagem – forma de comportamento e de ação (BAKHTIN, 1992). A continuidade do grupo pressupõe a capacidade de, apesar dos eventuais conflitos, compartilharem alguns consensos mínimos, entre eles, garantir que todos possam manifestar livremente suas opiniões.
- 12 Comunidade virtual é o termo utilizado para os agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço, através da comunicação mediada pelas redes de computadores (PALÁCIOS, 1998; RECUERO, 2001)³. Segundo Pierre Lévy (2001, p.115), o virtual não é nem imaginário (já que produz efeitos), nem é oposto ao real, mas uma dimensão dele. Assim, a escolha entre a nostalgia de um real datado e um virtual ameaçador é enganosa e o que está em jogo são diferentes concepções do virtual. Também não é sinônimo de alienação, nem apenas uma forma de difusão de mensagens mas “uma interação no seio de uma situação que cada um contribui para modificar ou estabilizar, de uma negociação sobre significações”. A propósito da comunidade virtual afirma que apesar de “não presente” já que a geografia não é mais nem um ponto de partida, nem

uma coerção, está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Virtualizar-se significa, assim, tornar-se “não-presente”, desterritorializar-se.

- 13 O contato se dá via texto digitalizado, que circula no interior das redes locais ou mundiais das quais cada participante é “um autor e um editor em potencial”. De acordo com Lemos (1998) a cibercultura forma-se precisamente da convergência entre o social e o tecnológico em que nenhuma das partes determina irreversivelmente a outra:

“A cibercultura que se forma sob os nossos olhos mostra, para o melhor ou para o pior é bom que fique claro, como as novas tecnologias estão sendo, efetivamente, utilizadas como ferramentas de convivialidade e de formação comunitária (...). Mesmo se cibernética (do grego “Kubernetes”) significa controle e pilotagem, a cibercultura não é o resultado linear e determinista de uma programação técnica do social. Ela parece ser, ao contrário, o resultado de uma apropriação simbólica e social da técnica.” (p. 8-9).

- 14 Vale dizer que a “komuna” funciona também como um lugar de troca de objetos e materiais, além daqueles comercializados pelo RRC (CDs, vídeos, textos, camisas), os integrantes se valem da lista para negociar ou permutar (discos de vinil, CDs, livros, textos,) já que são todos potenciais colecionadores. É importante assinalar que, como um espaço de encontro virtual, não se esgota nesta dimensão, alguns marcam encontros em suas cidades, ou passam a manter correspondência particular. Nesse sentido, tanto aproxima pessoas de lugares distantes como permite que aqueles de uma mesma localidade possam se reunir. Contudo, conforme destaca Recuero (op.cit.), os laços sociais forjados são mantidos sobretudo no grupo virtual.
- 15 De certo modo, a lista é construída pelos integrantes, que foram “pessoalizando” esse espaço, colocando fotos suas, da família, amigos, namorados (as), esposas e sugerindo a criação de outros quadros de mensagens que atendessem a interesses diversos como o “Poesias e Contos”, onde os participantes publicam textos de sua autoria. Inevitavelmente, em função dos variados interesses é comum que se tornem objeto de debate temas como futebol, religião e política a contragosto de alguns adversos a essa “abertura excessiva”, advogando que Raul Seixas seja o foco.
- 16 É interessante assinalar que o fórum reúne um público muito variado em sua origem, local de moradia, faixa etária, gênero, ocupação profissional, formação escolar, credo, pertencimento étnico, geração. A lista é inclusiva e pressupõe duas coisas; uma de ordem técnica, o acesso a um computador, e outra de ordem afetiva, a admiração por Raul Seixas e o desejo de encontrar iguais.

Classificações em luta: raulseixista ou raulmaníaco?

- 17 Como se definem os fãs de Raul Seixas? Qual é a sua auto-representação? É comum se autodenominarem de raulseixistas, muito embora, alguns recusem tal nome. De modo geral, designa aqueles que entendem a obra musical de Raul Seixas como uma espécie de “veículo” através do qual uma certa filosofia e visão de mundo é difundida:

Quando me autodenomino ‘raulseixista’ é porque acredito e muitas vezes sigo o que foi escrito, feito por ele. É claro que como todos ele também tinha seus problemas, defeitos, mas prefiro ficar com a coisas boas, com sua inteligência, com suas ótimas idéias, etc.... E é por isso que digo com todas as letras que *souraulseixista*, pois concordo e coloco em prática, muita coisa que aprendi com suas letras, quantas vezes ele me fez pensar e ainda faz sobre um determinado tema.

-Vocês acreditam que existe alguma coisa em comum entre os vários modos de ser raulseixista?

Sim. Raul é o ponto em comum. No meu ponto de vista Raul é quem permitiu com os ensinamentos de sua obra, abriremos nossas mentes para fatores e valores alternativos, nos ensinou a lutar contra o sistema e tudo que os burocratas e a mídia nos impõem. Creio que a riqueza que Raul nos deixou, e pode-se ver em cada discípulo raulseixista, é a busca pelo conhecimento, o respeito mútuo e simplesmente o bem (alguém já ouviu falar de algum raulseixista que pratique o mal contra a sociedade?). Lutamos contra o sistema porém sem violência e sim com conscientização.

- 18 Nas declarações, ser raulseixista consistiria, entre outras coisas, em “seguir os passos do mestre”, o que está escrito nas letras, ouvindo os conselhos, procurando colocá-los em prática, assumindo posturas baseadas nos aprendizados e ensinamentos sugeridos nas canções. Deste modo, mesmo que esteja presente a idéia de que “Raul aparece para cada um de uma forma” e que, portanto, há vários modos de ser raulseixista, fica evidente que a obra é pensada como contendo uma filosofia, conjunto de idéias que pregaria o respeito ao ser humano, a luta contra o sistema e o estímulo para que cada um busque valores alternativos de vida, no reconhecimento da diversidade de opiniões e pontos de vista.

- 19 Outra designação recorrente é a de *raulmaníaco*, sugerindo posturas consideradas nitidamente diferenciadas quanto ao modo de conceber e manifestar sua identificação. Entre as várias explicações, algumas são bastante elucidativas e mostram como estas identidades tendem a afirmar-se por oposição:

O *Raulmaníaco* curte mais Raul dos Santos Seixas que o artista. Mais o homem que a obra. Geralmente são os mais ‘loucos’, que não estão basicamente envolvidos em estudá-la ou divulgá-la, mas sim, pegar como álibi os ‘defeitos’ de Raul Santos Seixas para justificarem os seus.

Ambos são fãs de Raul Seixas, porém, o *raulseixista* é aquele que se afina com as idéias e vai fundo em buscar respostas. Questiona tudo. O Raulseixista, ao meu ver, é um tipo de fã mais ‘pé no chão’, com embasamento e opinião própria, que até discorda de algumas coisas dentro do universo raulseixístico. (...) De certa forma, acredito que todos já fomos *raulmaníacos* em algum tempo. Afinal *raulmaníaco* é o primeiro estágio, é o neófito. Para depois tornar-se um iniciado, um raulseixista.

- 20 Assim, o *raulmaníaco* seria um fã mais “apaixonado” que “curte” o som, coleciona, mas não segue ou se apropria da filosofia deixada por Raul Seixas em suas canções, pode ser visto como mais inconseqüente, assumindo algumas vezes condutas não convencionais, ou mesmo claramente transgressoras. Nesse sentido, usaria a obra musical do cantor como um álibi, inspirando-se, deste modo, mais no homem Raul Seixas, estigmatizado como “louco”, ou ainda na sua imagem de “rebelde” do que propriamente no artista. Ou seja, por não compreender a mensagem transmitida, a deturparia enquanto o raulseixista, estaria mais interessado na obra, em seu estudo e divulgação, se autodefinindo como mais crítico e consciente. A postura do *raulmaníaco*, tida como mais fanática, ou disruptiva pelos raulseixistas pode ser também avaliada como uma fase, um “primeiro estágio”, enquanto neófito, ele experimentaria e viveria esse momento intensamente até que mais amadurecido e consciente, passasse então a dedicar-se ao estudo da obra, tornando-se, portanto, mais questionador.
- 21 Uma outra discussão mostra-se ainda mais mobilizadora e ajuda a melhor dimensionar a questão da auto-representação dos fãs e diz respeito à utilização da palavra raulseixista. Esta foi cunhada pelo próprio Raul Seixas para referir-se ao fato de que seguia única exclusivamente a si mesmo, suas idéias e visões e que cada um deveria fazê-lo em relação à condução da sua vida. Exatamente por isso, seu uso é contestado

por aqueles que entendem que este termo só poderia ser empregado por Raul para designar sua própria filosofia de vida:

Na minha opinião quando Raul falava em raulseixismo, ele estava se referindo única e exclusivamente a pessoa dele. Eu por exemplo teria que falar em reinaldismo. O Raul disse certa vez que o pessoal não tinha entendido nada do que ele falou, ele tentou fazer cada um pensar com a própria cabeça, mas o pessoal insistia em ficar acampando na frente da casa dele, e ele detestava. Até fez uma musica falando disso, Messias Indeciso, ouça e me diga depois. Me considero raulmaníaco (ou não), pois tenho tudo do Raul, da certidão de nascimento ao atestado de óbito e não derrubo cachaça no túmulo de ninguém, pelo menos se ela for da boa. Por isso, não consigo me apropriar do termo, acho muito pessoal.

- 22 Para outros, no entanto, nada impede que ela seja reapropriada pelos fãs, sem que necessariamente signifique uma adesão equivocada ou acrítica, defendendo um outro uso, uma reelaboração da classificação original.

Ele criou uma visão de mundo própria, um sistema de pensamento. Entendi perfeitamente o que Raul quis dizer quando se denominou raulseixista, mas os fãs se reapropriam desse e de outros termos lhe dando outros significados. De qualquer forma, Raul transmite uma busca e um ser você mesmo. Ele diz para não termos velhas opiniões, mas não diz quais são, diz que o caminho é fácil seguir, mas não diz qual é, por tudo isso é tão rico e são tão múltiplas as possibilidades de apropriação do seu discurso.

Mas a verdade é que os fãs se apropriaram do termo e é o que nos difere dos outros fãs de artistas. Raul meteu a mão em tanta coisa alheia que não ficaria chateado só pelo fato de nós termos metido a mão na expressão que ele cunhou para si próprio. De qualquer forma, teríamos garantido 100 anos de perdão.

- 23 Há aqueles ainda que rejeitam qualquer classificação alegando que elas expressam uma certa dependência para com o ídolo, uma mitificação, tomando-o como uma espécie de muleta, indo na contramão de tudo que Raul formulou.

Concordo com quem disse que quando Raul falava em raulseixismo, estava se referindo única e exclusivamente a pessoa dele. Por isso esses rótulos que as pessoas alegremente aceitam, até com orgulho, eu rejeito solenemente. Não sou raulmaníaco nem raulseixista mas apenas um cara que admira a obra do Raul e assimila isso em sua vida. É uma pena que tantos gostem desses rótulos, como se precisassem de muletas para andar. É uma estranha relação de dependência do fã com o ídolo, enquanto que o Raul justamente desmistificou toda e qualquer forma de idolatria. Raul cantou a vida inteira essa verdade do caminho individual mas não estimulou os fãs a se denominarem assim.

- 24 Se por um lado, parece consensual na lista que Raul Seixas se diferenciou por ser autêntico, original, carismático, o que dizer de seus fãs? O tema foi alvo de polêmicas, embates muito curiosos e sugestivos de como eles se pensam e se classificam. De modo geral, também se vêem diferentemente dos fãs de outros artistas que alguns consideram “convencionais”, e caracterizam o fã de Raul como uma figura inquieta, um pensador, um insatisfeito que procura respostas e revela-se crítico em relação à realidade que o cerca. E o que ele encontra na obra de seu ídolo é justamente a possibilidade de novos horizontes a serem pesquisados.

(...) o fã de Raul Seixas, que não seja preguiçoso, têm vários horizontes a averiguar: a obra, o artista, o homem, os cenários políticos que foram delineando a própria obra e o pensamento, não só do Raul Seixas como do Raul dos Santos Seixas, o raulseixismo e suas apropriações, o perfil de seus divulgadores, Paulo Coelho, Crowley ... quer mais? Em resumo, me parece uma obra que abre portas para outros conhecimentos, que não se esgota em si mesma. Antes a sós com Raul Seixas que mal acompanhado por essas coisas bisonhas que rolam nas FM's da vida.

- 25 Os fãs de Raul Seixas não estão preocupados apenas em juntar recortes de jornais e muito menos ficar admirando um pôster do Raul na parede do quarto, coisas estas características dos fãs ditos convencionais. Mas nem todos têm a mesma percepção, ponderando que muitos mostram-se “bitolados”, “alienados”, não usufruindo o potencial que sua obra possibilita. Assim, “tem marginal interpretando Raul”, “tem espírita se apropriando dele”, “têm pessoas bebendo e fumando e achando que isso é filosofia raulseixista”. Em suma, apenas uma minoria manifestaria uma postura crítica ou reflexiva.

Você vai dizer que o fã do Raul é diferente, que ele critica, etc. Ok! mas isso é uma minoria. A maior parte é bitolada e entende Raul como quer entender. Tem marginal interpretando Raul, tem espírita se apropriando dele, tem nego bebendo e fumando todas e achando que isso é filosofia raulseixista, enfim, tem de tudo. Se os fãs de Raul não se deixassem rotular como raulseixistas, aí sim eu te diria que o fã do Raul é diferente de qualquer outro porque ele seria inclassificável, como Raul foi...

- 26 Observa-se assim, um campo de tensões, de luta de significados já que as formas de auto-representação não são rigidamente demarcadas, nem assimiladas, suas distinções não são tão claras assim. Em alguns momentos, os fãs mostram-se em dúvida sobre qual delas assumir, outros rejeitam qualquer classificação. A impressão que se tem é que as fronteiras confundem-se, algumas características seriam comuns a ambas ou pode ser que o próprio sentido de cada uma delas esteja sendo diferentemente apreendido e apropriado.
- 27 Todavia, é recorrente a idéia de que a descoberta da obra musical deste artista, ao invés da admiração cega, de um comportamento acrítico, pode gerar reflexões sobre a vida, além de “abrir portas” para outros conhecimentos, sejam mágicos, filosóficos, poéticos ou políticos.
- 28 Sylvio Passos, conta que a criação do fã-club e a aproximação com seu ídolo provocou uma ruptura em seu estilo de vida, tendo início um relacionamento que traria implicações sobre sua vida, hábitos, projetos que acalentava.
- 29 Em vários depoimentos, encontram-se menções a esta transformação interna/psicológica, emocional, e até mesmo física, que a obra de Raul Seixas pode propiciar. Uma mudança de comportamento, visão de mundo, estilo de vida. Dependendo da intensidade desta ligação, alguns procuram mesmo assemelhar-se fisicamente ao cantor, deixando o cabelo crescer, usando cavanhaque ou barba, botas, óculos escuros, casacos de couro, adereços que sempre caracterizaram sua figura pública. Muitos fazem tatuagens com imagens do cantor ou com símbolos presentes em sua obra, como a chave da Sociedade Alternativa e o trem que representa a chegada do Novo Aeon. De acordo com Abonizio (1999) certos fãs de Raul se apropriam de idéias e justificam suas atitudes citando trechos das canções – tomadas como ensinamentos – , extraindo delas uma filosofia de vida.
- A obra do Raul mudou a vida de muita gente. Pessoas, ao conhecer sua obra, mudaram suas visões de mundo e posturas, várias pessoas se separaram dos cônjuges, inventaram empregos mais alternativos, tendo uma outra postura diante da vida. Por isso, eu acho que Raul não é só um ídolo qualquer. Ele criou uma visão de mundo própria, um sistema de pensamento.
- 30 Esta dimensão fica particularmente evidente entre os fãs divulgadores⁴ que consideram sua obra, uma espécie de “testamento”, o legado a ser preservado e, sobretudo, continuado por ser portadora de uma mensagem que sugere caminhos, alternativas,

posturas idealmente libertadoras para o “angustiado homem contemporâneo”. Empenham-se, assim, em divulgá-la, seja através de publicações variadas, shows, associações como o Raul Rock Club e o Imagick, Centro de Estudos Psíquicos. Por meio de suas narrativas⁵ uma diferente forma de identificação se evidencia. A maneira pela qual tiveram contato com a obra do cantor/compositor é descrita como emblemática, sendo percebida como uma espécie de sinal, um convite à transformação.

- 31 Interessante destacar a existência de uma percepção comum de que sendo a obra portadora de uma mensagem, ela tem o poder de mudar a vida dos indivíduos, por isso deve ser propagada, sua palavra tem de ser compartilhada. Como emissários devem transformar esse aprendizado em ação, esse despertar numa experiência coletiva.
- 32 Ao fazê-lo, institui-se um circuito de reciprocidade estabelecendo uma obrigação simbólica, ao retribuir a dádiva recebida cria-se uma aliança e uma comunhão indissolúvel entre aquele que dá – no caso Raul/e sua obra – e o que recebe o presente – o fã/divulgador, devendo então fazê-lo circular. Como diria Mauss (1974:129): “Se se dão e retribuem coisas, é porque se dão e retribuem “respeitos” – dizemos ainda “gentilezas”. Mas é também porque o doador se dá ao dar, e, se ele se dá, é porque ele se “deve”- ele e seu bem – aos outros”.
- 33 Vários divulgadores mencionam em seus escritos que a principal mensagem deixada pelo artista, se possível fosse resumi-la, refere-se à capacidade de os indivíduos se transformarem, para somente, então, lutar por seus ideais e mudar a realidade a sua volta. Construir um mundo melhor, pressupõe antes de mais nada, uma predisposição à mudança interna, que implica por sua vez, a busca de caminhos alternativos procurando conjugá-los ao mundo convencional. Sem dúvida, a idéia de Sociedade Alternativa, aparece como referência central em suas falas:
Então, constataremos que a Sociedade Alternativa não era apenas um sonho poético de Raul Seixas. Ela é possível nesse novo tempo que está surgindo. Nós a estamos construindo com as ferramentas que Raul nos deixou (ALVES In PASSOS, op.cit., p. 24).
- 34 Na opinião de Zelinda Hypólito, criadora do Imagick, Raul produziu uma “obra aberta e sem preconceitos” que permite a cada um compreender, por mais diferente que seja, com o que tem dentro de si. E a despeito de não ter conseguido concretizar a filosofia da Sociedade Alternativa em vida “a semente foi lançada e está no coração dos jovens de ontem e hoje”, deixando seu trabalho como herança, “e a nós cabe continuá-lo”. (HYPOLITO In: PASSOS, op.cit., p.39).
- 35 Há que se destacar ainda o trabalho realizado por alguns covers (www.paulomano.com/; www.robertoseixas.com.br), que através dos shows acreditam estarem não apenas homenageando Raul mas contribuindo para levar sua música/obra a todos os lugares. Espalhados pelo Brasil, mais particularmente atuantes em São Paulo, os covers propiciam uma oportunidade aos fãs, especialmente aqueles que não viram um show do Raul, de imaginar como seria, simulando uma proximidade hoje impossível de concretizar-se. Produzem, assim, uma experiência corporal, sensorial, fabricam a ilusão de um contato que não poderá realizar-se. Caracterizados na roupa, no comportamento, no gestual, cada um procura construir um Raul à sua maneira e deste modo, representam o que está distante.

Eu entro no palco é uma transformação muito grande, eu me transformo realmente, procuro dar o máximo de mim e eu não sei, dá tudo certo porque com Raul, tem certas coisas que têm que dar errado prá dar certo e acaba no final dando tudo certo, impressionante, é uma energia muito grande que rola, esse contato com o

público, com a galera. E é uma coisa que eu procuro deixar sempre claro, eu tenho a minha personalidade só que eu faço isso porque quero, porque está dentro de mim, porque eu aceito quase tudo que ele disse nas músicas, por isso, tem uma identificação. Com a pessoa, com a obra, aquele jeito que ele tinha, acima de tudo, dentro do que eu faço em primeiro lugar Raul Seixas, depois o meu trabalho. Eu sou apenas a ponte, Raul, Ayrton e a galera. Vou defender a obra dele até o fim dos meus dias porque tem a ver comigo.

- 36 Ao se assumirem imitadores terminam por reforçar a autenticidade do original, quanto mais se reproduz mais fica evidente a aura deste, seu caráter único. A partir das idéias de BENJAMIM (1987a: 14) poder-se-ia dizer que, se por um lado a multiplicação de cópias permitiria ao objeto reproduzido “oferecer-se à visão e à audição, em qualquer circunstância” conferindo-lhe atualidade permanente, por outro lado, “configura-se como a aparição de uma realidade longínqua por mais próxima que pareça”. Eles assim, evocam o distante, o ausente, o que não pode estar. Como cópias, não se confundem com o original que não poderá ser substituído.
- 37 O universo dos admiradores aqui descrito revela-se múltiplo, ao contrário do que pode supor o senso comum não há um comportamento padronizado, unívoco. Seus relatos apontam para trajetórias, concepções e formas de ação e identificação variadas. Desde aquele que ouve os discos, participa de eventos, lê os livros, organiza sua coleção particular, até aqueles especialmente engajados na divulgação da obra de Raul Seixas situando-a como importante em seu projeto pessoal.

Embora predomine a denominação de raulseixista, ela não é unânime, há os que se dizem raulmaníacos e outros ainda arredios a qualquer classificação. Alguns entendem que Raul foi profeta, filósofo, rebelde, artista genial, anarquista ou que tem enviado mensagens do outro mundo “desdizendo” muito do que disse antes, sem que necessariamente essas visões se excluam. Outros vêem sua obra como mensagem, filosofia de vida em que cada um tem o direito de viver do jeito que quiser, experimentar de tudo, viver os prazeres sem se preocupar com o amanhã. Como se pode notar, ele pode ser entendido e admirado

por razões distintas. Trata-se deste modo de um campo polissêmico e plural onde predominam inúmeras interpretações.

A passeata: celebração e culto

- 38 Dentre os rituais de celebração e comemoração envolvendo o nome de Raul Seixas, a passeata, que acontece anualmente na cidade de São Paulo tem grande importância para os fãs.
- 39 O primeiro evento dessa natureza foi realizado quando Raul ainda era vivo, em 16 de abril de 1986, organizado pelo fã-clubes Raul Mania, hoje extinto. É interessante notar que, posteriormente, o enterro de Raul será tomado como novo marco inicial, uma espécie de mito de origem quando os fãs em cortejo, acompanharam carro do corpo de bombeiros até o aeroporto. Alguns situam este momento como fundador da passeata, por isso, a sua data oficial é 21 de agosto de 1989, apesar da primeira ter ocorrido três anos antes. De certa forma, ela foi reinventada, novos atores sociais vêm assumir sua coordenação, a despeito de se dizer que ela não pertence a nenhum grupo organizado. Em 2002, primeira vez que participei, pude observar que muitos estavam envolvidos na manifestação pelo voto nulo, alguns deles, inclusive, distribuindo panfletos entre o público.
- 40 No carro de som, estava uma faixa onde se lia o slogan “O dia em que a terra parou contra a farsa eleitoral pelo voto nulo”. E trazia uma foto de Raul provavelmente tirada meses antes de sua morte (ao lado da mãe e da governanta) vestindo uma camisa na qual se lia “Vote nulo. Não sustente parasitas”.
- 41 No entanto, o que me pareceu surpreendente foi perceber que, para além de questões de ordem política, as pessoas ali se encontravam para homenagear o ídolo, prestar-lhe um tributo já que nem todos compartilhavam a idéia de anular seu voto. Mas afinal qual o sentido em se evocar o morto? O que está em destaque nestas ocasiões? Por que lembrar alguém exatamente na passagem do aniversário de sua morte? O que esse fenômeno tem de singular? (ABREU, 1994). O aniversário de morte é um momento privilegiado no qual emergem representações acerca do homem, da obra e aquelas que os amigos e admiradores têm de si mesmos.
- 42 Segundo Da Matta (1983) na sociedade industrial, individualista e moderna, o ritual tende a criar o momento coletivo sendo um de seus traços distintivos a dramatização, isto é, a condensação de algum aspecto, elemento ou relação colocando-o em foco, em destaque.
- 43 A passeata⁶, evento híbrido, conjuga aspectos formais - pressupõe certo planejamento, possui data, local, horário e um trajeto definidos - (dia 21/08 com concentração prevista para às 16hs no Teatro Municipal e saída às 18hs atravessando o Vale do Anhangabaú até a Praça da Sé, culminância do evento onde se observa o conagração entre os fãs) - , e informais - trata-se de uma situação dominada pela brincadeira, diversão, licença, clima de festa e confraternização, observando-se a suspensão temporária das regras.
- 44 Organizado por associações voluntárias, o objetivo é o encontro; tem-se a possibilidade de reencontrar amigos, conhecer pessoas. A celebração do ídolo aglutina, temporariamente, percursos sociais muito diferenciados. Na medida em que há espaço para todos os personagens, categorias e grupos, engendra-se um campo social

cosmopolita, polissêmico, por excelência: seu mecanismo básico é o da inversão, na medida em que junta categorias e papéis normalmente separados, idades, posições sociais não são determinantes. Pelo menos essa é a sua promessa. Na passeata, configura-se um campo da licença, do joking, produzindo-se uma espécie de momento *communitas* em que predomina uma certa comunhão em torno da homenagem a Raul Seixas, ele é a razão da festa e por isso, sua imagem está presente em camisas, em tatuagens, faixas, bandanas.

- 45 Como numa espécie de culto profano, os fãs, muitos deles considerando-se fiéis seguidores, celebram, rememoram e reverenciam Raul Seixas entoando suas canções, vestidos e travestidos à sua imagem e semelhança, lançando vivas à Sociedade Alternativa. Reforçando os laços com o ídolo, convertem aquele fisicamente ausente numa presença, através de um manifesto criado por e para os fãs que ali vivem um momento de catarse coletiva, afirmando-se como coletividade frouxa e temporariamente articulada em nome da admiração, da devoção e da saudade. Nesta ocasião, diferentemente das disputas simbólicas observadas na lista virtual entre raulseixistas e raulmaníacos todos parecem submetidos a uma identidade comum, abrangente e encompassadora: a de “fãs do Maluco Beleza”.
- 46 Comunicando o mundo visível e o invisível, pela lembrança, a saudade revela-se aqui como categoria boa para pensar as relações que ali se estabelecem. De acordo com Roberto Da Matta (1993, p.25), através da saudade, podemos dialogar com pedaços do tempo e, ao fazê-lo, trazemos os momentos especiais e desejados de volta. Por isso, essa categoria expressa igualmente a duração que pode ser (re) vivida e (re) experimentada generosa e positivamente. Assim, desafiando a crença moderna de que as emoções seriam espontâneas e individuais, ela demonstra “como os sentimentos são produzidos pela sociedade e impostos aos seus membros. Da dor ao riso, do amor ao ódio, do esquecimento à saudade, os sentimentos são marcados e impostos pelo sistema”.
- 47 O rito proporciona deste modo, um enquadramento espacial e temporal que permite selecionar certas experiências, estabelecendo um sentido de continuidade, de ligação entre o passado e o presente (DOUGLAS, op.cit.,p.80-1). Como um símbolo exterior, ele controla e organiza a memória dos fãs, impõe limites à experiência, inclui temas desejáveis, excluindo aqueles considerados indesejáveis. Os ritos cumprem, pois, uma função mnemônica, “o fato de acontecerem num lugar e tempo pré-estabelecidos desperta uma espécie de atenção particular”. Além disso, todo ato ritual é criativo, não sendo meramente utilitário, tem sua eficácia no próprio ato, “não só exterioriza a experiência, não só a ilumina, como a modifica pela própria maneira como a exprime”.
- 48 Assim, Raul Seixas parece encarnar a idéia de que “saiu da vida para entrar na história”, vivendo como corpo representado e resignificado que serve, assim, de foco para os vivos, concretizando os elos que ligam as pessoas de um grupo ou comunidade. Nesse sentido, a passeata é um evento emblemático, ao explicitar a idolatria que já lhe era devotada em vida e que se acentuou após a morte.

Considerações Finais

- 49 Entre as mais interessantes perguntas não respondidas de nosso tempo está a que indaga quais características estruturais fazem as criações de uma determinada pessoa sobreviverem ao processo de seleção de uma série de gerações, sendo gradualmente

absorvidas no padrão das obras de arte socialmente aceitas, enquanto as de outras pessoas caem no mundo sombrio das obras esquecidas (ELIAS, 1994, p.52).

- 50 Para fins de análise, é fundamental o afastamento de certas visões do senso comum que entendem a idolatria como admiração cega, coisa da idade, estando normalmente associada à adolescência, impulsos e arroubos da juventude, ou ainda a uma necessidade psicológica, de afirmação do indivíduo, revelando a projeção de desejos e carências.
- 51 Ao analisar a literatura a respeito dos fãs, Joli Jenson (1992) observou a recorrência de duas imagens: a do solitário que, obcecado pela influência da mídia estabelece uma relação fantasiosa com a celebridade, e a do histérico membro da multidão, o frenético adolescente que vai até o aeroporto receber o ídolo do rock.
- 52 Para o autor, estes retratos patológicos dizem mais a respeito da sociedade moderna do que sobre as relações entre fãs-celebridades. O solitário obcecado evoca o alienado, enquanto o membro da multidão frenética, o vulnerável, irracional, vítima da persuasão da massa. Todos esses argumentos sobre alienação, vulnerabilidade, irracionalidade, a influência da mídia, a sociedade narcisista, a hipnose provocada pelo rock e o contágio da multidão são utilizados para explicar como esses indivíduos tornam-se vítimas de uma sociedade na qual o presente materialmente avançado encontra-se espiritualmente ameaçado. A decadência social, cultural e moral vivida na modernidade é explicada, em grande parte, pelo declínio da vida em comunidade que protegeria os indivíduos lhes dando suporte através dos laços estabelecidos. A medida em que esses laços se rompem, o indivíduo percebe-se vulnerável, sem orientação sólida num mundo complexo, multifacetado e cheio de estímulos. A ausência de uma identidade estável o lança a apelos irracionais.
- 53 Por outro lado, a mídia, a sociedade de massa exerceriam grande poder sobre ele, que, seduzido pela propaganda, pela popularidade do rádio e do cinema, pode ser cooptado pelas multidões. Solitário, desorientado, o fã cria uma fixação irracional em uma celebridade. De acordo com Jenson, a crítica à modernidade é nostálgica e romântica porque localiza as virtudes perdidas no passado e crê na possibilidade de seu retorno.
- 54 Do ponto de vista psicológico, o comportamento do fã é tido como uma compensação para as carências provocadas pela vida moderna. Assim, muitos desenvolveriam lealdades a uma celebridade e participam de concertos de rock ou de espetáculos esportivos na ânsia de um ilusório sentido de comunidade. Outros seguiriam os ídolos na esperança de prestígio para satisfazer suas necessidades psicológicas que não conseguem na anônima e fragmentada sociedade moderna compensando, deste modo, a ausência de relações autênticas em sua vida⁷
- 55 Nesse estudo, parte-se pois do pressuposto de que é fundamental desconstruir a visão de senso comum que encara o fã como uma espécie de entidade, detentor de uma essência, desnaturalizar a visão que estigmatiza seu comportamento como unívoco fazendo uma incursão nos diferentes modos de ser e vivenciar essa experiência buscando capturar possíveis significados atribuídos ao ídolo e a sua obra. Deste modo, a admiração está sendo pensada como um fenômeno social revelador de processos de construção de subjetividades e formas de sociabilidade características da sociedade contemporânea que explicitam certas concepções sobre indivíduo/sociedade; passado/presente; memória e biografia, biografia e contexto. Fenômeno esse que possibilita compreender como as ações de indivíduos diferentes se influenciam reciprocamente e,

como práticas sociais definem individualidades e, ao mesmo tempo, grupos homogêneos.

- 56 De acordo com Dumont (1992), as sociedades modernas, marcadas pelos ideais de igualdade e de liberdade, o indivíduo assume valor cultural fundamental tornando-se a unidade básica significativa. Assim, suas trajetórias assumem relevância enquanto elemento constituidor da sociedade: experiências pessoais, amores, desejos, sofrimentos são enfatizados.
- 57 É importante registrar que o espaço das metrópoles, marcado pela impessoalidade, pelo anonimato e pela heterogeneidade de modos de vida aparece como o locus privilegiado da idéia de fragmentação. Para alguns autores, esta idéia - um dos indícios da Modernidade - , diz respeito à multiplicidade de referências, seja em termos de grupos ou de atitudes. Se as ideologias individualistas, por um lado, marcam o advento do indivíduo-sujeito, por outro, expressam a fragmentação de domínios que sucede a uma ordem tradicional hipoteticamente mais integrada. Contudo, vale estar atento ao fato de que à medida mesmo em que o indivíduo se destaca, muda o caráter de sua relação com as instituições preexistentes possibilitando o surgimento de novas formas de sociabilidade, sem que se estabeleça uma dominância absoluta já que holismo e tradição também encontram-se presentes em certas áreas da vida social e do sistema de representações (VELHO, 1994).
- 58 Portanto, se a metrópole expõe os indivíduos a situações múltiplas, contraditórias ou fragmentadoras; por outro lado há que se pensar sobre as experiências e práticas que ancoradas em certas definições da realidade dão um sentido de continuidade, conferindo significado às trajetórias individuais, permitindo reestruturar seus esquemas de percepção. Até que ponto a inserção num fã-club e a admiração por um ídolo implicam uma adesão significativa para demarcação de fronteiras e elaboração da identidade dos indivíduos?

O estudo mais aprofundado das redes de sociabilidade criadas em torno da memória de Raul Seixas contribui para este campo de reflexões. No caso em questão, há um dado irredutível: fisicamente ele não existe mais, sendo assim, o que move os fãs se já não mais poderão encontrá-lo, obter dele um autógrafa, ver um show ou lhe enviar cartas? A morte/ausência parecem ter desencadeado narrativas, gerando uma obsessão pelos objetos: o desejo de reunir tudo aquilo que o artista produziu, disse e também o que se falou sobre ele, parece cumprir a tarefa de preencher a lacuna entre a morte e a vida, transformando a ausência em presença, ligando o mundo visível e o invisível. E neste processo está em jogo a formação de uma certa subjetividade, a constituição de uma autoconsciência. Se fisicamente não tem mais como provar suas qualidades, simbolicamente continua a fazê-lo, através de seus fãs, seu testemunho, e as disputas simbólicas travadas o fazem vivo e presente no imaginário e com capacidade para

cooptar novos adeptos, admiradores.

- 59 Vale ainda dizer que ao estudar uma participação comum, num certo contexto, uma forma de adesão partilhada é preciso estar atento à heterogeneidade, à diversidade de pertencimentos outros, classe social, faixa etária, ocupação profissional, diversidade étnica e, na medida do possível, conjugá-los, reconhecendo a diferença como elemento constitutivo da sociedade e o modo como as pessoas interagem, negociando essas experiências e convívio.
- 60 Os papéis distintos desempenhados pelos indivíduos ligam-se aos planos diferenciados em que se movem, suas variadas inserções, grupos de referência, que funcionam como âncoras numa Modernidade que expõe os indivíduos a estímulos múltiplos. Ao se analisar o tipo de adesão e comprometimento envolvidos num determinado processo de construção da identidade deve-se levar em conta estas questões.

NOTAS

1. As argumentações presentes neste artigo estão desenvolvidas na tese de doutorado “Krig-há Bandolo! Cuidado aí vem Raul Seixas” apresentada ao PPGSA/UFRJ, 2004.
2. Em março de 2002 me cadastrei, pela primeira vez, em um grupo de discussão virtual: “a comunidade raulseixística”. A possibilidade de acompanhar os debates redimensionou o trabalho. Através de um contato quase cotidiano ao longo de 2 anos, foi possível trocar idéias, tirar dúvidas, lançar questões e conhecer as visões dos fãs sobre os mais variados temas ligados a Raul Seixas, além de tomar conhecimento dos eventos em vários lugares do país. Por tudo isso,

esse campo “virtual” tornou-se parte fundamental deste estudo. Nele encontrei colaboradores importantes, com os quais compartilhei questões e temas que foram surgindo durante a pesquisa e aos quais sou muito grata.

3. Todavia, há muitos debates e polêmicas acerca do mesmo. Para uma análise da reconstrução teórica do conceito ver Recuero (op.cit.).

4. A reflexão acerca das representações e práticas desses fãs divulgadores, assim como sobre as transformações em suas visões de mundo e estilo de vida relacionadas aos significados atribuídos à Sociedade Alternativa será objeto de outro artigo.

5. Segundo Walter Benjamim (1987b:203) as narrativas são modalidades de discurso, de construção da realidade em que não se está perseguindo leis mas singularidades, particularidades, remetendo à experiência vivida. Sem buscar a verificação imediata, fica ao encargo do leitor ou ouvinte a possibilidade de interpretar a história como quiser.

6. Em 16 de abril de 2007 foi aprovada a Lei nº 14.373 do Vereador Carlos Giannazi (PSOL): Art. 1º - Institui o "DIA PARA SEMPRE RAULZITO", a ser comemorado anualmente na data de 21 de agosto, dia da morte do cantor e compositor Raul Seixas. Art. 2º - O Evento passará a constar no Calendário Oficial de eventos do município de São Paulo.

7. Em meu trabalho sobre as torcidas organizadas de futebol cariocas (TEIXEIRA, 1998) também observei a predominância nos meios de comunicação de uma visão patológica acerca destas associações que são analisadas pela ótica da violência, da transgressão por ser o conflito uma dimensão constitutiva de suas práticas. Classificados como desviantes em relação ao torcedor “comum”, os organizados são tidos como perigosos por promoverem a desordem, deturpando o sentido do futebol que seria o do congraçamento, da manifestação saudável; argumenta-se, então, a favor de sua extinção. Contudo, investigando os significados atribuídos por esses torcedores ao futebol e à participação na torcida, formas variadas de adesão e pertencimento tornaram-se visíveis. A categoria de torcedor organizado compreende distintos modos de vivenciar aquela experiência.

AUTOR

ROSANA CÂMARA TEIXEIRA

Doutora em Antropologia Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia
- PPGSA/UFRJ